

Nota de Abertura

Em tempos francamente disfóricos e estando ainda longe de saber que a «quarentena» de Maio de 68 iria desencadear toda uma panóplia de evocações e celebrações, fora nosso objectivo assinalar a efeméride na Faculdade de Letras do Porto, sem elogios fúnebres nem nostalgias de índole sobretudo geracional, mas antes com o empenho crítico, simultaneamente próximo e distanciado, de *Jornada de Reflexão*, aberta à Academia e ao público em geral, que envolvesse vários ângulos de análise desses acontecimentos socioculturais marcantes para a França e para o pensamento contemporâneo em geral.

Vicissitudes de vária ordem restringiram o leque de intervenções que tinha sido pensado e desejado, mas acabaram por realçar a dimensão cultural e especificamente literária, que em geral costuma ficar arredada das análises e reflexões sobre Maio de 68.

Cientes da importância de dar a conhecer e a pensar aos estudantes universitários de hoje os desideratos, entusiasmos e aporias dos seus congéneres nos finais da década de 60, procurámos que a diversidade de abordagens e de registos constituísse um sinal da mobilidade perene dos sentidos que a História como discurso vai provocando.

O notório envolvimento dos estudantes ao longo da *Jornada* e na sua própria concepção, traduziu-se por um trabalho de pesquisa que culminaria na apresentação pública, apoiada num *powerpoint* que aqui se reproduz, em conjunto com as outras comunicações onde à análise de textos literários se vieram juntar os testemunhos daqueles que viveram Maio de 68 em Paris ou em Portugal, e agora o repensam.

A pluralidade do encontro atingiu um dos seus pontos mais marcantes na Mesa-Redonda final que congregou as visões/análises daqueles que viveram *in loco* Maio de 68 e o revêem à luz do seu saber e experiência acumulados, bem assim como aqueles que sobre ele se debruçam, enquadrando-o em áreas tão distintas como a Teologia e a Sociologia. Desses contributos e de algumas participações do público aqui deixamos também o registo sonoro, como que a lembrar a espontaneidade que, de modo tão indelével, guiou e dispersou aqueles que, durante esse mês mítico de há 40 anos atrás, gritaram e fizeram acreditar que havia muito mais horizonte para lá do chão pisado...

Ana Paula Coutinho Mendes

José Domingues de Almeida